



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

VOTO DE PESAR N.º 62/XIII

PELO FALECIMENTO DE FRANCISCO NICHOLSON

Faleceu, no passado dia 12 de Abril, Francisco António de Vasconcelos Nicholson, mais conhecido como Francisco Nicholson, grande ator, argumentista televisivo, dramaturgo e encenador Português.

Nascido a 26 de Junho de 1938 no seio de uma família ligada às artes, Francisco Nicholson começou muito jovem, apenas com 14 anos, a fazer teatro no antigo Liceu Camões, sob a direção do encenador e poeta António Manuel Couto Viana, a convite do qual veio a pertencer ao Grupo da Mocidade Portuguesa.

Depois de ter estudado em Paris, onde frequentou a Academia Charles Dullin, do Théâtre National Populaire ao lado de grandes nomes do Teatro francês, como Jean Vilar, Georges Wilson, Gerard Philipe, Francisco Nicholson estreou-se, profissionalmente, como ator e autor, com a peça infantil "Misterioso Até Mais Não", no Teatro do Gerifalto.

Fez parte dos elencos da Companhia Nacional de Teatro e do Teatro Estúdio de Lisboa onde representou grandes textos da dramaturgia mundial, de autores como Strindberg, Kleist, Bernard Shaw, Arnold Wesker, Davis Storey, Apollinaire, e outros.

A convite de Raul Solnado, esteve presente na inauguração do Teatro Villaret integrando o elenco da peça "O Inspector Geral" de Nicolau Gogol.

Foi no Teatro ABC que Francisco Nicholson se popularizou com o teatro de revista. Tendo-se estreado com "O gesto é tudo" ao lado de Eugénio Salvador, Camilo de Oliveira, a brasileira Berta Loran e um grande elenco, foi com "Gente nova em bikini" que se afirmou como autor, ator e encenador de revista. Após o 25 de Abril de 1974, juntamente com outros grandes nomes do teatro nacional ajudou a fundar o Teatro Adoque, na zona do Martim Moniz, em Lisboa.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Na televisão deu-se a conhecer com o programa Riso e Ritmo (1964) tendo sido o autor de várias novelas, nomeadamente de Vila Faia, a primavera telenovela portuguesa, e várias séries como Origens (1983), Cinzas (1992), Os Lobos (1998), Ajuste de Contas (2000), Ganância (2001), O Olhar da Serpente (2002), entre outras.

Autor de algumas dezenas de espetáculos, quase sempre encenados e dirigidos por si próprio, Francisco Nicholson foi também um dos autores da canção "Oração" com que António Calvário venceu o primeiro Grande Prémio TV da Canção.

No cinema, assinou os guiões dos filmes Operação Dinamite (1967) e Bonança & C^a 1969) de Pedro Martins.

A par da sua vasta carreira ligada ao teatro, à televisão, à música e ao cinema, Francisco Nicholson colaborou também no suplemento A Mosca do Diário de Lisboa, onde se cruzou com Stau-Monteiro, em A Bola, Diário Popular, Capital, Jornal de Notícias e Norte Desportivo.

Em 2014 escreveu o seu primeiro romance "Os mortos não dão autógrafos", que dedicou à mulher, a atriz e bailarina Magda Cardoso.

Francisco Nicholson foi distinguido com a "medalha de ouro de mérito cultural" atribuída pela Câmara Municipal de Lisboa e também foi galardoado pela autarquia de Oeiras.

Homem de inúmeros talentos mas também dotado de uma sensibilidade e dimensão humana notáveis, Francisco Nicholson gostava de citar António Machado, poeta espanhol dizendo que "O caminho faz-se caminhando".

Portugal está mais pobre com o desaparecimento de Francisco Nicholson, indiscutivelmente um grande vulto da cultura Portuguesa.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

A Assembleia da República presta um merecido tributo à sua memória e endereça à sua família um sentido voto de pesar.

Assembleia da República, 13 de Abril 2016

Os Deputados,